



O aprendiz de Jesus

“Os valores intelectivos representam a soma de muitas experiências, em várias vidas do Espírito, no plano material. Uma inteligência profunda significa um imenso acervo de lutas planetárias. Atingida essa posição, se o homem guarda consigo uma expressão idêntica de progresso espiritual, pelo sentimento, então estará apto a elevar-se a novas esferas do Infinito, para a conquista de sua perfeição.”³

³ EMMANUEL (Espírito). **O consolador**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília, DF: FEB, 2020. p. 86.

Jesus caminhou serenamente entre um rebanho rebelde e desgastado nas próprias lutas, dirigindo a cada um o seu olhar de misericórdia e estendendo a sua mão compassiva sobre as fontes das adoentadas almas. Ao seu toque, a cura era imediata, mas nem por isso cessariam as dificuldades inerentes à vida temporal. Instigava os curados ao arrependimento e à mudança de conduta, para que não reincidissem nos erros e, por sua vez, se tornassem aprendizes.

Se cada ente curado por Jesus aceitasse a sua provocação e se tornasse também aprendiz, seguindo o Modelo e Guia da Humanidade, a regeneração já seria plena, e estaríamos caminhando para um tempo de ainda maior felicidade. Seria a multiplicação das estrelas de amor e de caridade, iluminando cada recanto de dor e de sofrimento e aliviando todas as almas. Para os Espíritos que ainda estagiam na Terra, se assemelharia à plenitude, tendo em vista que ainda vivenciam muita dor e não são poucos os que se negam a replicar a piedade.

Para a regeneração urgente do planeta, é preciso aprender a não cortar a corrente de solidariedade ensinada por Jesus e dar cada um o seu quinhão de benevolência e caridade, examinando o próximo com olhos de maior bondade, na busca das suas dores mais profundas, a fim de oferecer o remédio do amor. Curar em nome de Jesus é um procedimento que foi proposto a todos nós, em diversos momentos das nossas existências na carne, desde as mais longínquas até as mais recentes, como proposta pedagógica de soerguimento individual e coletivo.

Uma mão que se estende em benefício de um sofredor está sempre abastecida por fluidos de coragem e boa vontade, provenientes diretamente do amor universal que

emana de Deus, Nosso Pai. Nenhuma boa ação é inócua ou não aproveitada, pois, se não reverte imediatamente em benefício do assistido, é bagagem que se acrescenta à formação moral do assistente.

É inacreditável para os que ainda não desenvolveram a fé e a coragem o quanto um ser humano é capaz de produzir boas ações em benefício da sociedade da qual faz parte. Uma só pessoa é capaz de modificar inúmeros destinos apenas pelo exemplo e, de forma ainda mais significativa, pelo trabalho abnegado e desinteressado voltado à edificação ética dos seus irmãos.

Curar a outrem é dar de si aquilo que se tem de mais íntimo, seja a própria vitalidade, seja a confiança nos ensinamentos do Evangelho de Jesus, transmitindo-os por meio da vivência da compaixão. O amor cura à medida que se expressa em palavras de bom ânimo e é praticado nas mãos que socorrem, acalmando a dor de feridas físicas ou máculas espirituais.

Amar como Jesus amou não é impossível, mas uma ferramenta de evolução à disposição de todos os Espíritos, desde que se despojem do egoísmo e passem a visualizar o próximo como alguém necessitado de auxílio e resgate.

A amizade sincera cura a solidão.

O trabalho coletivo sana o egoísmo.

A dedicação no lar acalma os desatinos emocionais e as fogueiras das ilusões.

A temperança nas relações elucida os que estão perdidos.

O comportamento estável e educado dá o exemplo indispensável aos que ainda estão na infância espiritual.

A boa conduta no trabalho edifica as instituições e colabora na formação de uma sociedade mais ética, bem como para o progresso mundial.

O homem de bem cura as dores que percebe nos conviventes, seja com um sorriso sincero, seja com um abraço afetuoso, seja com palavras de incentivo ou com atitudes libertadoras. Segue sempre o exemplo de Jesus, entregando-se com boa vontade às tarefas para as quais é chamado a dar o seu testemunho de perseverança.

Quanta luz leva um aprendiz de Jesus quando visita os adoentados acostados aos leitos dos hospitais, onde as lágrimas rolam nas reflexões duvidosas sobre a sobrevivência após a doença!

De eflúvios de esperança são portadores os que acolhem os órfãos, pequeninos abandonados à própria sorte em decorrência de situações trágicas ou do egoísmo de quem os deveria amparar.

Carregam consigo o olhar meigo e caridoso, como espelho da alma que ora com sinceridade, à semelhança de Maria, os que suplicam pelos suicidas e não julgam os que desceram aos abismos do desespero.

O aprendiz de Jesus é um ser humano comum, igual a todos os outros, que caminha no meio do povo, que cumpre com a sua rotina de trabalhador e mantenedor da família, que busca a si mesmo constantemente, tentando vencer os próprios conflitos, mas jamais se esquivava de estender a mão a um sofredor. O que o individualiza é o amor que já desenvolveu e, mesmo enfrentando as vicissitudes da vida, das quais não está isento, ainda assim continua a amar.

O amor cura por si mesmo. Uma presença amorosa traz paz aos corações, ao passo que o simples desinteresse pela sorte alheia formata um ambiente de mal-estar. É simples curar na forma como Jesus nos ensinou, pois, em que pese tratar-se da cicatrização das feridas mais profundas da alma, o processo envolve medicamentos à disposição de todos, desde que se disponibilizem a trabalhar com o Sublime Médico das Almas.

TEMPO PARA CURAR

Reclamam, os homens, da falta de tempo para se dedicarem a causas humanitárias, na medida em que os seus dias parecem pequenos diante de tantas responsabilidades, na busca desenfreada pela sobrevivência e pelo prazer. Eles precisam aplicar determinadas medidas nas suas tarefas, ponderando o que realmente é necessário e produtivo, em contraposição ao que é desnecessário e pernicioso.

A sociedade cria “dogmas de convivência”, estabelecendo determinados comportamentos que, caso não sejam seguidos, serão cobrados com a acusação de alienação ou de descompasso com a moda atual. Aqueles que não utilizam seu tempo para se manterem inseridos em determinadas atividades comuns sofrerão dura acusação de serem antiquados, atrasados, alienados ou antissociais. Somente os que já tiverem desenvolvido a paz de ostentar a própria personalidade, após imensas batalhas entre o mundo externo e o *Self*, conseguirão manter-se serenos diante de tantas provocações e não se entregar freneticamente aos descaminhos mundanos.

Na dicotomia entre estar no mundo, participando de determinadas atividades, e a manutenção da própria essência enquanto ser livre e pensante, o homem, por vezes, se perde e se afasta de si mesmo para agradar a uma coletividade que não o respeita em sua individualidade. Desgasta-se para possuir os bens apontados como proporcionadores de prazer, trabalha cada vez mais, frequenta ambientes desagradáveis, tudo isso para ser aceito e para buscar constantemente a sensação de pertencimento. Na correria de cumprir os rituais dogmáticos da atual sociedade, falta tempo para pensar, serenar os pensamentos e para amar. É mais difícil ao ser irritado e exausto encontrar energia para servir, tampouco terá predisposição para agir como verdadeiro aprendiz de Jesus.

Escolher entre os prazeres temporários e a paz peregrina parece difícil às atuais gerações, visto que há tempos esses Espíritos não dispunham de tantos recursos materiais aqui neste planeta. Além disso, a fascinação tecnológica coloca todos em contato permanente, muitas vezes de forma desordenada e desprovida de objetivos elevados, permanecendo as massas em constante conversação mesquinha e em provocações ilusórias que estimulam comportamentos negativos. O recurso oferecido para o progresso é frequentemente utilizado de modo inadequado, levando os cérebros à exaustão, os corpos à inatividade e tornando-os mais acessíveis a doenças, bem como as mentes ao desequilíbrio, onde fervilham pensamentos destrutivos.

É preciso ensinar disciplina às novas gerações, para que não desperdicem tantos recursos de evolução. O ser humano disciplinado organiza sua rotina e encontra tempo para aquilo que realmente o fará crescer e ser feliz,

bem como para o que o impelirá a colaborar na obra de redenção proposta por Jesus.

Verificamos uma geração que se detém horas a fio com o olhar fixado nas telas, carregando-as constantemente nas mãos, e para a qual a resposta não instantânea a uma simples mensagem de quatro ou cinco palavras se tornou motivo de desassossego e até de desconfiança. O que esperar de relacionamentos fundamentados nesse tipo de comunicação, se não houver equilíbrio entre a utilização desses recursos e a vivência real da afetividade, a qual não prescinde da convivência física nem da compreensão do que transmite, a cada momento, o olhar que manifesta o homem integral, com sua presença e marca pessoal, expressas na energia que emana e que somente pode ser plenamente sentida e compreendida no contato presencial?

Utilizem-se, pois, os recursos tecnológicos para contatos sadios e edificantes, como os estudos e as reuniões profícuas, ou ainda as conversações que gratificam os corações e amparam os desesperados. O recurso destinado a aumentar as comunicações é sempre bom; o que pode prejudicar é o uso que se faz dele.

O atual aprendiz de Jesus, na maior parte do planeta, dispõe de luz artificial constante, meios de locomoção velozes, comunicação instantânea, fartura de alimentos e de vestimentas, além de liberdade de expressão. Se não curam como Jesus e os seus apóstolos curavam, embora estes andassem descalços e sem recursos, atravessando desertos e costeando oceanos tão somente com a força das pernas, há muito a se repensar.

Ao avaliar os aspectos que levam o homem atual a não sequer pensar na missão que Jesus lhe propôs, nova-

mente vem à tona a questão do tempo. Ainda que alguns aleguem que os dias passam mais depressa, a contagem das horas continua a mesma desde a época em que Jesus esteve aqui. O que varia é o uso que se lhe dá.

Curar com Jesus, de maneira espontânea e gradativa, utilizando os recursos e o tempo à disposição, requer ânimo, coragem e decisão. É preciso fazer escolhas diariamente, afastando-se do supérfluo e valorizando as oportunidades de servir. Respalhado o tempo mínimo de descanso, lazer e cuidado da família, além das atividades profissionais, certamente será possível servir nas equipes do Mestre.

Aliviamo-nos dos prazeres fúteis, das gastanças desnecessárias, das conversações medíocres, das convivências prejudiciais e envolvamo-nos, cada vez mais, no projeto de cura proposto por Jesus, levando bálsamos de paz aos corações. O doente precisa sentir-se amado e perdoado de suas faltas para manter bom ânimo. O criminoso necessita de um processo educativo, no qual se lhe proporcione o trabalho digno, para que se resgate como ser humano digno de nova oportunidade. As crianças clamam por carinho e por conversação saudável e edificante. As pessoas idosas necessitam de atenção, cuidados e de respeito às suas limitações.

Em todo tempo, é possível amar, cuidar e, consequentemente, curar.

A DECISÃO DE CURAR

É preciso tomar uma decisão consciente e permanente para seguir o exemplo de Jesus e colocar-se à disposição

para curar como ele o fez. Não é possível mudar de ideia a todo momento em relação a um assunto tão diretamente ligado à evolução espiritual e ao compromisso assumido com a espiritualidade antes de retornarmos às provas da vida neste plano material.

A inconstância faz parte das atitudes de muitos irmãos, o que os leva ao desânimo e à desistência da prática de ações nobres. A primeira dificuldade reside no fato de que alguns esperam a paga imediata pelo que fizeram ou o resultado esperado, desconsiderando as leis que regem cada Espírito em sua jornada de evolução, resultante das próprias escolhas e subordinada à Lei de Causa e Efeito. Quem espera a retribuição não a encontrará nesta existência, conforme ensinou Jesus há mais de dois mil anos.

A bajulação por qualquer gesto mais elevado também é prejudicial. Configura endeusamento de seres imperfeitos que apenas começam a praticar aquilo que constitui seu dever. Cuidar e tentar sarar as dores, com o emprego da compaixão, da energia e dos recursos à disposição, é dever de todo homem que busca a prática do bem e da caridade e que já reconhece sua inferioridade. Na ânsia por reconhecimento pessoal, no intuito de afagar a própria vaidade, muitos se perdem. É indispensável ter em mente que todo aprendiz é instrumento do Mestre e que nada fará sozinho nem sem a permissão do Pai.

Quantas tarefas começam de forma desinteressada e, ao serem aclamadas por elogios desnecessários, são interrompidas ou substituídas pela ganância e pela exibição de méritos ainda não adquiridos? Não basta uma boa ação para elevar uma alma ao estado de perfeição. Tampouco serão meia dúzia de gestos de caridade que resgatarão os

inúmeros erros do homem velho. Tudo o que se faz de bom pelo semelhante é mérito e assim será considerado na balança divina, aliviando, gradativamente, as consciências endividadas. Entretanto, o processo de recuperação total do Espírito é complexo, demorado e requer perene vigilância dos próprios sentimentos.

Entregar-se ao cuidado dos sofredores, caminhando efetivamente com Jesus, como discípulo atual em uma época de transição planetária, com dedicação plena, fundamentada na felicidade de servir e na vontade de resgatar os débitos do passado, requer vontade firme e permanente. Renunciar a si mesmo, a momentos de descanso, a prazeres fúteis e a deleites passageiros e abraçar a causa redentora de zelar pela humanidade está ao alcance de todos; todavia, poucos são os que aceitam os pequenos sacrifícios necessários ao exercício da tarefa.

O sorriso de uma criança bem alimentada é trocado, não poucas vezes, pela gargalhada irônica das prostitutas, desperdiçando-se os recursos que serviriam para alimentar a família em prazeres insanos e destruidores. Se os próprios pais abandonam aqueles que lhes são confiados, substituindo-os pela satisfação dos instintos, o que esperar dos que sequer têm vínculos familiares com eles? Embora muitos se dediquem à causa infantil, cuidando de órfãos e auxiliando em instituições de suporte às famílias, há muito ainda a ser feito em prol da infância, principalmente no que se refere aos recursos básicos, à segurança e à educação.

Os momentos de paz ao lado de pessoas idosas, que costumam relatar, em forma de histórias, as necessárias memórias afetivas da família, são substituídos pela companhia de pretensos amigos que compartilham bebedeiras,

jogos e viagens sem fim. Não é de se espantar, portanto, que tais escolhas não tragam felicidade nem preencham os corações vazios.

Na ilusão de apreciar e usufruir dos recursos do mundo, o homem, por vezes, destrói laços fundamentais e afasta de si aqueles que poderiam ajudá-lo a se reconstruir. É na vivência familiar, ao estabelecer vínculos perenes de afeto e de responsabilidade recíproca, que o ser humano ensaia os primeiros passos como cuidador da humanidade. Se não exercitar o amor em família, carecerá de parâmetros para amar o próximo, e qualquer tentativa o reconduzirá às lições primárias, ao reencontro dos parentes que o ajudarão a compreender a necessidade de exercitar a piedade nas relações mais próximas, para, então, estendê-la indistintamente.

Aquele que deseja ser aprendiz junto a Jesus que começa suas ações dentro do lar, nas relações mais íntimas, ao lado daqueles que lhe foram confiados para a convivência diária, para a troca contínua de ensinamentos e para o reajustamento das relações. Nada é mais sublime do que cuidar da família que nos foi confiada. Zelar pelos estranhos é gesto de amor incondicional, mas perdoar as mesquinharias dos familiares mais difíceis e amá-los na escassez, na doença e na ofensa é o maior desafio, posto que essa convivência toca as fibras mais íntimas do Espírito, mobilizando sentimentos antigos, dores ainda não curadas e agressões não perdoadas.

É evidente que o aprendiz dos postulados de Jesus não pode carregar mágoa, rancor nem ódio em seu coração. O remédio brota de si mesmo, na conduta que decorre de suas emoções e sentimentos. Carreguemo-nos de amor nos corações e estaremos aptos a servir ao Irmão de Luz.